



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

---

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,  
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>84</b>
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
<a href="#">Guilherme Carrozza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8071924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
<a href="#">Vanderlei Antonio Bachega Junior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
<a href="#">Adão Fernandes Lopes</a>	
<a href="#">Denise Dias de Carvalho Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>117</b>
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
<a href="#">Fernanda Luzia de Almeida Miranda</a>	
<a href="#">Tuise Brito Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>128</b>
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
<a href="#">Rosangela Maria Laurindo Fornasier</a>	
<a href="#">Tatiana Iegoroff de Mattos</a>	
<a href="#">Fernanda Landucci Ortale</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>140</b>
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
<a href="#">Ana Clara Vieira da Fonseca</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
<a href="#">Bianca Cardoso Batista</a>	
<a href="#">Vagner Bozzetto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
<a href="#">Cristiane Wosniak</a>	
<a href="#">Rodrigo Oliva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240416</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>177</b>
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>187</b>
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>212</b>
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>229</b>
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>239</b>
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240423</b>	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>254</b>
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240424</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>264</b>
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240425</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>279</b>
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>285</b>
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>291</b>
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>304</b>
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>317</b>
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240430</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>329</b>

## MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS

**Bruno Eric dos Santos**

Universidade Nove de Julho

São Paulo - SP

**RESUMO:** Com a prática da medicina fez-se necessária a criação de signos linguísticos para abreviar nomes de procedimentos, condições clínicas e doenças. Analisando morfologicamente o termo histerectomia, descobrimos tratar-se de um signo que representa a remoção cirúrgica do útero; profissionais da saúde conhecem e utilizam esses termos deliberadamente, havendo a presença de um intérprete no ambiente, é necessário que ele entenda tudo o que foi dito, inclusive a terminologia. Esta pesquisa tem por objetivo aprofundar-se de forma bilíngue nos termos médicos para compreendermos o significado de cada raiz, prefixo e sufixo e aplicar este conhecimento à interpretação tornando-o um facilitador de discurso, e desenvolvendo a competência terminológica no intérprete. O estudo sobre a formação de palavras leva em consideração não o decorar os termos, mas a desfragmentação, a fim de se decorar o significado nos pares de idiomas inglês e português. Em um segundo momento, coletaremos diversos corpora para provar a partir de um formulário a efetividade deste método. Objetiva-se constatar que intérpretes que utilizaram esta metodologia tiveram facilidade

em responder corretamente o significado de muitos dos termos apresentados, e que o conhecimento também os ajudou a desvendar o significado dos termos desconhecidos por eles. A falta de conhecimento terminológico pode causar hiatos na comunicação e isso pode interferir no bem-estar do paciente. Concluiu-se, então, que o intérprete da área médica deve buscar dominar a terminologia para melhor compreender os discursos proferidos neste ambiente, sendo que saber analisar morfologicamente um termo é uma ferramenta poderosa ao lidar com termos desconhecidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morfologia, Terminologia, Área Médica, Intérprete.

### MORPHOLOGY APPLIED TO MEDICAL TERMINOLOGY: A STUDY FOR LINGUISTS

**ABSTRACT:** With the practice of medicine become necessary to create linguistic signs in order to abbreviate procedures, clinical conditions, and diseases names. Analyzing morphologically the term hysterectomy we can understand that it is a sign which represents the surgical removal of the uterus. Health professionals understand and use these terms willfully and having an interpreter present, this professional must understand everything including the terminology. This research aims to study morphologically and bilingually in

medical terms to understand the meaning of each root, prefix, and suffix and apply this knowledge in the interpretation, making it a speech facilitator developing terminology competence. This research aims to split medical terms instead of memorizing them and understand the meaning of each fragment and then decorate this fragment meaning in English and in Portuguese. In a second step, we will collect corpora to prove the effectiveness of this method through a form. Our objective is to verify that interpreters who used this methodology were able to correctly answer the meaning of many of the presented terms, claiming that the knowledge obtained helped them to unravel the meaning of terms that they did not know. The lack of terminology knowledge can lead to gaps in communication that can damage the patient wellness. It is concluded that a medical interpreter must master this terminology in order to comprehend this kind of speech and know how to analyze a term morphologically is a powerful tool when dealing with unknown terms.

**KEYWORDS:** Morphology, Terminology, Medical area, Interpreter.

## 1 | INTRODUÇÃO

A medicina é uma das ciências mais antigas, é possível encontrar evidências de sua existência na Grécia Antiga, na Civilização Egípcia e também na China, com o passar dos anos ela foi se desenvolvendo e passou do simples tratamento com ervas para grandes cirurgias e tratamentos à base de remédios e equipamentos de alta tecnologia. HENDERSON e DORSEY (2016) afirmam que devido ao seu crescimento fez-se necessária a criação de signos linguísticos que representassem em uma palavra o que normalmente seriam exigidas várias palavras (p. 10). Desta maneira a comunicação entre os profissionais da saúde se tornou mais dinâmica e eficaz, o que pode salvar mais vidas, já que em uma emergência, cada segundo é vital para a saúde do paciente. Esse tipo de comunicação é muito eficaz entre os profissionais da saúde, mas e quanto àqueles que são leigos? Poucos sabem o que significa histerectomia ou laparoscopia ou até mesmo hematoma, se o médico falar com um paciente utilizando a terminologia da área, provavelmente o paciente deixará o consultório com mais dúvidas do que quando entrou, e se isso acontece com pacientes nativos, imagine com pacientes que desconhecem a língua do país onde eles estão? Neste ponto entra o intérprete da área médica que fará a mediação linguística entre médico e paciente. Mas quem são esses profissionais? Quais são suas qualificações? O que é necessário para ser um intérprete da área médica? No Brasil, essas pessoas nem sabem que estão sendo intérpretes, pois são funcionários que trabalham nos hospitais e que falam outra língua, mas que não necessariamente são fluentes, o que pode colocar em risco a saúde do paciente. QUEIROZ (2014) levantou a seguinte questão “quais seriam os requisitos para formar intérpretes qualificados para atuar em contextos da saúde e alavancar um campo profissional institucionalizado e reconhecido no país?” (P. 195). Já CAMARGO (2009) responde esta pergunta afirmando que primeiramente,

o intérprete, para que possa interpretar, deve ser capaz de receber e entender a mensagem na língua fonte, ou língua de partida, e, conseqüentemente, expressar o significado na língua meta, ou língua de chegada. Para que tal feito seja possível, o intérprete desenvolverá uma série de atividades cognitivas de processamento da mensagem. Entre essas atividades, podemos citar a compreensão da mensagem, a análise da mensagem em relação ao seu significado e a reformulação da mensagem na língua de chegada ou língua meta (p. 20). O intérprete deve entender a mensagem na língua fonte e em um ambiente médico o vocabulário pode se tornar muito seletivo, por isso é importante que ele estude a terminologia da área, há outras questões que devem ser muito bem estudadas, contudo o foco deste artigo é exclusivamente a terminologia da área.

O intérprete que trabalha na área médica especialmente nos setores de emergência pode ajudar a salvar uma vida, bem como podem ajudar a ceifar uma, deste modo através desta pesquisa meu propósito é trazer profissionalismo à função, além do fato de trazer segurança linguística ao paciente, e conseqüentemente segurança física e até mental. Devido ao fato de que os profissionais da saúde utilizam deliberadamente a terminologia em seu ambiente de trabalho e a maioria dos intérpretes não possuem o conhecimento necessário sobre a terminologia da área (principalmente porque nesses casos encontramos somente intérpretes *ad hoc*s), podem ocorrer hiatos na comunicação o que pode prejudicar o paciente. Sendo assim objetiva-se neste estudo aprofundar-se morfologicamente e de forma bilíngue nos termos médicos para se compreender o significado de cada raiz, prefixo e sufixo e aplicar este conhecimento na interpretação, tendo o conhecimento da formação de termos médicos como facilitador de discurso em ambientes profissionais, onde o intérprete da área médica desenvolverá competência terminológica na interpretação. Ao longo deste artigo será possível analisar a eficácia da morfologia aplicada à terminologia médica a fim de profissionalizar o intérprete e ensiná-lo a desvendar termos desconhecidos tornando-o a ponte entre o dialeto médico e o paciente.

## 2 | INTERPRETAÇÃO MÉDICA NO BRASIL

O discurso médico é repleto de termos que podem ser confusos ou apresentar sentido dúbio, entre si, os médicos não dizem “medir pressão”, eles dizem “verificar a pressão”, eles não dizem “febre”, dizem “hipertermia” esses ainda são termos simples de se encontrar, mas a terminologia percorre todo o ambiente hospitalar, desde a triagem até um centro cirúrgico. Os leigos não compreendem a maioria dos termos proferidos pelos profissionais, coloquemos então nessa situação um estrangeiro, ele não compreenderá nada se não houver quem interprete. QUEIROZ (2014) menciona que no ambiente médico-hospitalar há literalmente uma necessidade vital de serviços de interpretação. Muitas instituições situadas no Brasil vêm recebendo um número

significativo de pacientes não falantes da língua portuguesa (p. 199). Hoje em dia no Brasil a questão da interpretação médica é precária, podemos dizer que é praticamente inexistente, muitos pacientes tem sido submetidos a tratamentos e procedimentos de maneira improvisada, não do ponto de vista médico, mas sim do ponto de vista da comunicação, há casos que a comunicação ocorreu entre profissional da saúde e paciente através do *Google Tradutor*, claramente a barreira linguística é algo que deve ser discutido no Brasil, principalmente se analisarmos que de acordo com QUEIROZ (2014) no Brasil a questão da barreira linguística em contextos médicos é pouco debatida. Bem sabemos que serviços de interpretação não são formalmente oferecidos por hospitais e clínicas no país (p. 195). Logo vemos se algo não é debatido é porque não é lembrado, ou é pouco mencionado, vamos a mais uma questão importantíssima mencionada por QUEIROZ (2014) quem são e como é feita a interpretação entre médicos e pacientes que não falam português? (p. 195) Conforme QUEIROZ (2011) de uma maneira geral os intérpretes médicos são *Ad Hoc*s (funcionários bilíngues, amigos e familiares do paciente) e inclusive nas interpretações foram utilizadas linguagem corporal e gestos. Contudo, vale lembrar que linguagem corporal não é universal e difere entre as culturas (p. 70). Tendo em vista este problema, devemos levar em consideração uma outra questão levantada por QUEIROZ (2014) quais seriam os requisitos para formar intérpretes devidamente qualificados para atuar na área da saúde e alavancar um campo profissional institucionalizado e reconhecido no país? (p. 195) Para formar intérpretes qualificados CAMARGO (2009) responde dizendo que primeiramente, o intérprete, para que possa interpretar, deve ser capaz de receber e entender a mensagem na língua fonte, ou língua de partida, e, conseqüentemente, expressar o significado na língua meta, ou língua de chegada. Para que tal feito seja possível, o intérprete desenvolverá uma série de atividades cognitivas de processamento da mensagem. Entre essas atividades, podemos citar a compreensão da mensagem, a análise da mensagem em relação ao seu significado e a reformulação da mensagem na língua de chegada ou língua meta (p. 20). É válido salientar que estes são os requisitos mínimos para a interpretação, porém a interpretação médica envolve ainda mais preparação, envolve muito preparo emocional pois o intérprete não deve se envolver emocionalmente com os pacientes para que isso não venha prejudicar seu trabalho e nem o tratamento do paciente, também devemos levar em consideração no preparo emocional o fato de que o intérprete presenciara acontecimentos fortes, pois pode chegar um paciente gravemente ferido e independentemente da extensão ou do tipo de ferimento, isso não deve ser um empecilho para o intérprete, há também um preparo ético e terminológico que são muito importantes para o bom andamento da interpretação, focarei então no preparo terminológico do intérprete que é o objeto de estudo desta pesquisa.

### 3 | O PAPEL DA MORFOLOGIA NA TERMINOLOGIA MÉDICA

Ressalto que nesta pesquisa não foi abordada a morfologia médica, mas sim a morfologia que encontramos na gramática que segundo BEZERRA (2013) gramática “é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento” e morfologia é o estudo das palavras visando sua estrutura, formação, classificação e flexão, ou seja, é o estudo das palavras isoladamente (p. 4-5). Focarei neste estudo a estrutura e formação de palavras, bem sabemos que de acordo com BEZERRA (2013) ao decompor uma palavra podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos: radical, afixos e vogal temática (p. 111-116), aplicaremos a desconstrução de palavra nos termos médicos para então encontrarmos seu radical, vogal temática e afixos, desta forma saberemos identificar a origem do termo desconstruído, é como se dissecássemos o termo para encontrar sua origem e resolver o nosso problema, no caso identificar seu significado. De acordo com HENDERSON e DORSEY (2016) a criação da terminologia médica é baseada em origens gregas e latinas e ao decompor um termo médico encontramos também radicais, vogais temáticas e afixos (p. 10-11), termos estes que elas chamam de raiz, forma combinada e prefixos e sufixos por conveniência também optarei por essa nomenclatura. HENDERSON e DORSEY (2016) explicam que o prefixo aparece no início da palavra e diz como, por quê, onde, quando, quanto, quantos, posição, direção, tempo ou estado. A raiz da palavra especifica a parte do corpo a que o termo se refere. E o sufixo aparece no fim da palavra e indica um procedimento, condição ou doença, ou seja, a raiz que é a parte principal da palavra, especifica a parte do corpo que a palavra está descrevendo ou à qual está associada. Um prefixo diz mais sobre as circunstâncias que circundam seu significado. E o sufixo indica um procedimento, estado de saúde ou uma doença. (p. 18-26)

### 4 | ENTENDENDO OS PREFIXOS, SUFIXOS E RAÍZES

Mediante uma lista com de termos desconstruídos poderemos analisar o significado de cada elemento mórfico, através do conhecimento destes elementos conseguiremos compreender grande parte dos termos de forma sucinta e clara. HENDERSON E DORSEY (2016) explicam que da mesma forma que na escola primária buscávamos utilizar de toda sorte de truques para poder se lembrar de coisas como a tabuada e a capital dos estados, devemos utilizar destes truques para buscar recordar dos termos médicos, podemos fazer uma lista das partes das palavras, um mapa de palavras ou mesmo memorizar os termos por sistema do corpo. (p. 12)

## 5 | RAÍZES

Apresentarei duas tabelas, uma contendo as raízes exteriores e outra contendo as raízes interiores. De acordo com HENDERSON e DORSEY (2016) as raízes exteriores descrevem a parte externa do corpo e as raízes interiores descrevem a parte interna do corpo (p. 26). Vide Anexo I – Raízes, Prefixos e Sufixos, Tabela 1 – Raízes exteriores e Tabela 2 – Raízes interiores, para consultar algumas raízes e seus significados.

### 5.1 Prefixos

Segundo HENDERSON e DORSEY (2016) os prefixos agem como modificadores ou adjetivos, alterando o significado da raiz de um termo médico (p. 61). Vide Anexo I – Raízes, Prefixos e Sufixos, Tabela 3 – Prefixos comuns, para consultar alguns dos prefixos mais comuns e seus significados.

### 5.2 Sufixos

HENDERSON e DORSEY (2016) explicam que o sufixo é tão importante quanto o prefixo e a raiz, ele está sempre no fim de uma palavra e normalmente indica um estado de saúde, procedimento ou uma doença. Todos os termos médicos têm sufixos. Ele nos diz o que está acontecendo com um sistema ou parte específica do corpo – geralmente o que está errado com o corpo ou que procedimento está sendo usado para diagnosticá-lo ou solucioná-lo (p. 71). Vide Anexo I – Raízes, Prefixos e Sufixos, Tabela 4 – Alguns sufixos importantes, para consultar alguns dos sufixos mais importantes e seus significados.

### 5.3 Desconstruindo para entender

Minha proposta nesta pesquisa é fazer com que o intérprete venha a se tornar uma ponte entre a linguagem técnica e o leigo para que haja uma comunicação clara entre ambas as partes, para tanto o profissional aprenderá e apreenderá as raízes e os afixos de forma que ao desconstruir um termo ele venha a compreender o significado mesmo que desconhecido. O entendimento da formação desses termos, auxilia o intérprete na questão da compreensão da mensagem, o que por consequência trará melhores resultados na entrega da mensagem. Ressalto que PADILLA e MARTIN (1992) afirmam que o processo de compreensão é muito mais complicado. Ele não tem tempo de usar dicionários ou consultar um especialista. A única maneira em que o intérprete pode afetar o processo de compreensão é tomando atitudes previamente, antes que a mensagem seja realmente comunicada. (p. 197) Dada a vasta gama de termos médicos, o conhecimento morfológico a fim de construir e desconstruir palavras é uma atitude prévia que ajudará o intérprete a compreender a linguagem médica e consequentemente melhorar consideravelmente a sua interpretação, sem deixar

lacunas durante a troca de informações entre língua fonte e língua alvo.

Apresentarei aqui um exemplo de como o intérprete deverá desconstruir um termo e assim poder compreender seu significado.

Exemplo:

### **Apendicectomia**

Apêndice = pequeno tubo que parte do intestino grosso.

Ectomia = remoção cirúrgica.

Apendicectomia = remoção cirúrgica do apêndice.

Ao desconstruirmos esse termo vemos que a raiz da palavra é apêndice, e que o sufixo é ectomia.

Podemos ver que da mesma forma funciona com o termo apendicite, sendo que apêndice é a raiz da palavra e ite é o sufixo.

Exemplo:

### **Apendicite**

Apêndice = pequeno tubo que parte do intestino grosso.

Ite = Inflamação

Apendicite = Inflamação do apêndice

Exemplo:

### **Histerectomia**

Hister/o = útero.

Ectomia = remoção cirúrgica.

Histerectomia = Remoção cirúrgica do útero.

O intérprete por trabalhar sempre com um par de idiomas (língua materna e língua estrangeira) deverá estudar em ambas as línguas. HENDERSON e DORSEY (2016) explicam que os termos médicos são de origens gregas e latinas (p.10), sendo assim os termos possuem certas semelhanças dentro de alguns pares de idioma como por exemplo o português e o inglês, o que torna a compreensão muito mais fácil, ele deve dominar os termos pelo menos na sua língua materna pois mesmo que o intérprete não saiba ou não se lembre do termo que corresponde direto na outra língua, poderá explicá-lo e dessa forma o sentido da mensagem ainda será mantido sem falhas nem omissões nas informações.

## **6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A terminologia médica é uma linguagem fascinante e complexa, os profissionais da saúde a usam deliberadamente, os profissionais que almejam ou que trabalham

neste meio também devem aprendê-la e utilizá-la, o intérprete que trabalha na área da saúde deve se preparar para dominar este tipo de linguagem técnica, para promover saúde, bem-estar e segurança do paciente, pois a boa comunicação é de suma importância no atendimento hospitalar, sem uma boa comunicação não pode haver um bom atendimento. “Há muitos aspectos que envolvem a terminologia médica como abreviações, epônimos (palavras nomeadas em homenagem a alguém) e acrônimos (termos da linguagem moderna que abreviam frases mais longas)” (HENDERSON E DORSEY, 2016, P. 11) contudo não convém abordar estes assuntos neste artigo pois ele foi adaptado para a Iniciação Científica na Universidade Nove de Julho realizada em 2017 orientado pela professora Patricia Gimenez Camargo e é uma breve apresentação de uma pesquisa muito maior, a qual darei continuidade no mestrado. O objetivo deste artigo é conscientizar intérpretes que desejam trabalhar na área da saúde de que além das competências na interpretação, eles devem possuir também competência terminológica para que possam ser a ponte mediadora de conhecimento entre a profissionais da saúde e paciente estrangeiro.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Rodrigo. **Nova Gramática da Língua Portuguesa para Concursos**. São Paulo: Editora Método, 2013. 6ª Edição. ISBN 978-85-309-4696-8

CAMARGO, P.G. **Competência em Interpretação – Um breve estudo da interpretação em língua B**. São Paulo: TradTerm. v.23, setembro/2014, p. 13.

HENDERSON, Beverley e DORSEY, Jennifer. **Terminologia Médica para Leigos**. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2016. 1ª Edição. ISBN 978-85-7608-918-6.

PADILLA, P.; MARTIN, A. **Similarities between interpreting and translation: implications for teaching**. In: DOL ERUP, C.; LINDEGAARD, A. (Org.). Teaching translation and interpreting: training, talent and experience. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

QUEIROZ, M. **Interpretação Médica no Brasil**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis. 2011.

QUEIROZ, M. **Panorama da Interpretação em Contextos Médicos no Brasil: Perspectivas**. São Paulo: TradTerm. v.23, setembro/2014, p. 193-223.

## ANEXO I – RAÍZES, PREFIXOS E SUFIXOS

Raiz exterior	Significado
Acro/o	Extremidades
Anter/o	Frente
Axil/o	Axila
Blefar/o	Pálpebra
Braqui/o	Braço
Buc/o	Boca

Cant/o	Canto dos olhos
Capit/o	Cabeça
Carp/o	Punho
Caud/o	Cauda
Cefal/o	Cabeça
Cervi/o	Pescoço
Cili/o	Cílios
Cor/e, cor/o	Pupila o olho
Derm/a, derm/o, dermat/o	Pele
Dors/i, dors/o	Costas
Estet/o	Peito
Faci/o	Face
Fal/o	Pênis
Gingiv/o	Gengiva
Gloss/o	Língua
Gnat/o	Maxilar
Inguin/o	Viríilha
Irid/o	Íris
Labi/o	Lábio
Lapar/o	Abdômen, lombo ou flanco
Later/o	Lado
Lingu/o	Língua
Mamm/a, mamm/o	Seio, mama
Mast/o	Seio, mama
Nas/o	Nariz
Occipit/o	Occípio, parte de trás da cabeça
Ocul/o	Olho
Odont/o	Dente
Onfal/o	Umbigo
Onic/o	Unha
Oftalm/o, ocul/o	Olho
Otic/o, ot/o	Visão
Or/o	Boca
Ot/o	Ouvido
Papil/o	Mamilo
Pelv/o	Pélvis, bacia
Pil/o	Cabelo
Pod/o	Pé
Queil/o, quil/o	Lábio
Queir/o, Quir/o	Mão
Rin/o	Nariz
Somat/o	Corpo
Stomat/o	Boca
Tal/o	Tornozelo
Tras/o	Pé
Torac/o	Peito, tórax
Traquel/o	Pescoço
Tric/o	Cabelo

Ventr/i, ventr/o	Frente do corpo
------------------	-----------------

TABELA 1 – RAÍZES EXTERIORES

Fonte: Terminologia médica para leigos, (2016).

<b>Raiz interior</b>	<b>Significado</b>
Abdomin/o	Abdômen
Aden/o	Glândula
Adren/o	Glândula adrenal ou suprarrenal
Alveoli/o	Alvéolo
Angi/o	Vaso
Arteri/o	Artéria
Arteriol/o	Arteriola
Artr/o	Articulação
Atri/o	Átrio
Audi/o	Audição
Balan/o	Glande
Bio	Vida
Bronqu/i, bronqu/o	Brônquio
Bronquiol/o	Bronquíolo
Carcin/o	Câncer
Cardi/o	Coração
Celul/o	Célula
Cerebel/o	Cerebelo
Cerebr/i, cerebr/o	Cérebro
Col/e	Bile
Colecis/o	Vesícula biliar
Coledoc/o	Duto biliar comum
Condr/i, condr/o	Cartilagem
Crom/o	Cor
Col/o	Cólon
Colp/o	Vagina
Cost/o	Costela
Cri/o	Frio
Cript/o	Escondido
Cutane/o	Pele
Cian/o	Azul
Cist/i, Cist/o	Bexiga ou cisto
Cit/o	Célula
Dipl/o	Duplo, duas vezes
Duoden/o	Duodeno
Encefal/o	Cérebro
Enter/o	Intestino
Episi/o	Vulva
Eritr/o	Vermelho
Esofag/o	Esôfago
Farmac/o	Medicamento
Faring/o	Faringe
Fibr/o	Fibra

Fleb/o	Veia
Fren/o	Diafragma
Galact/o	Leite
Gastr/o	Estômago
Glic/o	Açúcar
Ginec/o	Feminino, mulher
Hemat/o	Sangue
Hepat/o, hepatic/o	Fígado
Heter/o	Outro, diferente
Hidr/o	Suor
Hist/o, histi/o	Tecido
Hom/o, home/o	Mesmo, parecido
Hidr/o	Água, molhado
Hister/o	Útero
Iatr/o	Tratamento, médico
Ile/o	Íleo (intestino)
Ili/o	Ílio (osso pélvico)
Intestin/o	Intestino
Jejun/o	Jejuno
Lacrim	Lágrima
Laring/o	Laringe
Leuc/o	Branco
Lipid/o	Gordura (na vesícula ou rins)
Lit/o	Pedra
Linf/o	Vasos linfáticos
Melan/o	Negro
Men/o	Menstruação
Mening/o	Membrana
Metr/a, metr/o	Útero
Mi/o	Músculo
Miel/o	Medula óssea
Miring/o	Tímpano
Nat/o	Nascimento
Mecr/o	Morte
Nefr/o	Rim
Neur/o	Nervo
Oorf/o	Ovário
Orquid/o, orqui/o	Testículo
Osse/eo, oss/i, ost/e, ost/eo	Osso
Palat/o	Palato, céu da boca
Pat/o	Doença
Peritone/o	Peritônio
Pleur/o	Pleura
Pneuma, pneum/o	Pulmão
Pneum/ato, pneum/ono	Pulmão
Poli/o	Massa cinzenta (cérebro)
Proct/o	Ânus, reto
Pulmon/o	Pulmão

Pi/o	Pus
Piel/o	Pelve renal
Querat/o	Córnea, tecido córneo
Rect/o	Reto
Ren/i, ren/o	Rim
Sacr/o	Sacro
Salping/o	Tubas uterinas ou trompas de Falópio
Sarc/o	Carne
Scapul/o	Escápula
Sept/o	Infecção
Splen/o	Baço
Spondil/o	Vértebra
Stern/o	Esterno
Tend/o, ten/o	Tendão
Testicul/o	Testículo
Term/o	Calor
Torac/o	Peito
Tim/o	Timo
Tir/o	Glândula tireoide
Tiroid/o	Glândula tireoide
Tonsil/o	Amígdala
Traque/o	Traqueia
Timpan/o	Tímpano
Ur/e, ur/ea, ur/eo, urin/o, ur/o	Urina
Ureter/o	Ureter
Uretr/o	Uretra
Vas/o	Vaso, ducto
Vas/o, ven/o	Veia
Vesic/o	Bexiga, vesícula
Viscer/o	Vísceras (órgãos internos)
Xant/o	Amarelo
Xer/o	Seco

TABELA 2 – RAÍZES INTERIORES

Fonte: Terminologia médica para leigos, (2016).

<b>Prefixo</b>	<b>Significado</b>
A-, an-	Sem, falta, deficiente
Ante-	Antes, na frente
Anti-	Contra
Bi-	Dois, duplo, ambos
Co-, con-, com-	Junto a
De-	Para baixo, a partir de
Di-	Duas vezes, dois
Extra-, extro-	Fora, além de
Hemi-, semi-	Metade
Hiper-	Além de, excessivo
Hip-, hipo-	Abaixo de, deficiente
Intro-	Dentro

Macro-	Grande
Micro-, micr-	Pequeno
Post-	Depois de, atrás
Pre, pro-	Antes de, em frente de
Retro-	Para trás, atrás
Semi-	Metade
Trans-	Através de
Tri-	Três
Ultra-	Além de

TABELA 3 – PREFIXOS COMUNS

Fonte: Terminologia médica para leigos, (2016).

<b>Sufixo</b>	<b>Significado</b>
-ac, -ic, -al, -ous, -tic	Referente a
-ate, -ize	Sujeito a
-ent, -er, -ista	Pessoa ou agente que pratica
-genico	Produzido por
-grama	Registro de
-grafo	Instrumento de registro
-ismo	Condição ou teoria
-ologista	Especialista
-ologia	Estudo de algo
-fobia	Aversão a
-scopio	Instrumento para exame visual

TABELA 4 - ALGUNS SUFIXOS IMPORTANTES

Fonte: Terminologia médica para leigos, (2016).

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-280-7

